

ASSOCIAÇÃO DE VOLUNTARIADO

NOME _Missionárias da Caridade

WEBSITE_<http://missionariasdacaridade.blogspot.com/>

QUEM SOMOS _Uma congregação religiosa católica, fundada por Madre Teresa de Calcutá com a missão particular de ajudar os mais pobres dos pobres, pelo mundo inteiro.

ONDE ESTAMOS_Actualmente a Sociedade tem casas em todos os continentes e na maioria dos países do mundo.

COMO PARTICIPAR _Avisando por e-mail antes de chegar, ou simplesmente aparecendo numa das casas, oferecendo-se para voluntariar.



TESTEMUNHO

NOME Filipa Correia de Araújo

IDADE 19

LOCAL Calcutá, Índia

“Deus é amor, atreve-te a viver por amor.” Foi com essa atitude que cheguei a Calcutá, queria entregar-me a 100%. Calcutá tornou essa missão muito fácil. Era realmente com essa Índia que tinha sonhado: cores berrantes, cheiros intensos, humidade e calor a rondar o insuportável, trânsito caótico e muito audível, milhares e milhares de pessoas.

Cheguei apenas com a morada da Casa Mãe das Missionárias da Caridade (que por sinal estava errada), sem quarto marcado, nem sequer mapa. E foi tudo simples. Em meia-hora já tinha uma casa de hóspedes onde ficar, tinha sido acolhida por um grupo de voluntários e várias ofertas de visitas guiadas aos supermercados mais próximos. Só faltava começar a voluntariar.

Em Calcutá, e nos arredores, as Missionárias trabalham em várias casas onde recebem pessoas, desde bebés a idosos, e onde as cuidam, tratam e ensinam. Propuseram-me ficar em Prem Dan, uma casa que recebe maioritariamente velhotes que vivem na rua e chegam a um ponto em que não são capazes de tomar conta de si próprios (esta última parte é a importante, porque pessoas a viver na rua em Calcutá são literalmente aos milhares).

Em quatro horas em Prem Dan sentia que fazia mais do que num mês em Portugal, chegava ao ponto de não conseguir perceber se estava encharcada pelo meu suor, se pela água da roupa ou do chão, ou se pela chuva das monções. Mas era indiferente. Esse estado era a marca da minha entrega, de estar tão ao serviço que me esquecia de mim própria. E a seguir vinha a parte mais fácil, que em Portugal era o exacto oposto: simplesmente estar com as senhoras. Para mim, fazer voluntariado em Portugal, em lares de idosos sempre foi um desafio. Tinha simplesmente de lhes fazer companhia, ouvir o que tinham a dizer e responder ao que me perguntavam. Sentia-me deslocada e sem pé. Em Prem Dan começava o meu trabalho com a parte física e quando chegava a hora de estar com as senhoras, já tinha estado a fazer tanta coisa por elas e estava tão cansada, que só me apetecia sentar-me a seu lado e fazer-lhes companhia.



Os desafios de cada dia começavam ainda antes de chegar a Prem Dan. No caminho o grupo de voluntários era rodeado de crianças por todos os lados, a pendurarem-se nos nossos braços e a pedirem: “Chocolate, chocolate! Money, money!”. No meu primeiro dia, uma das missionárias explicou-me o quão importante era que não dêssemos beijinhos às crianças, que nem sequer lhes passássemos com a mão na cabeça. Se lhes transmitíssemos a ideia de que pelo contacto físico podiam ser amadas por um estranho, estaríamos a aumentar a probabilidade de caírem no mundo da prostituição. Durante algum tempo senti-me horrivelmente cruel. Como é que podia ignorar uma criança? Sempre pude pegar-lhes ao colo, fazer-lhes aviões e roubar-lhes o nariz. E àquelas, que eram especialmente amorosas, que vinham agarradas às minhas calças ruas inteiras, que andavam seminuas, que não eram transportadas em carrinhos e que desde bebês, penduradas às costas de um irmão ou primo, passavam o dia na rua a serem rejeitadas por todos, tinha que as ignorar. Até que um dia, enquanto uma miúda espreitava para dentro do auto-rickshaw e me pedia dinheiro, lhe fiz uma careta. Ela não reagiu. Repeti até que me imitasse e depois mudei uma e outra vez e ela foi também inovando. De repente dei por mim com sete crianças à frente, todas entretidas a brincar comigo, a rirem-se das minhas caretas e das suas. Cerca de uma semana depois voltei a parar de auto-rickshaw no mesmo sinal. Antes que me desse conta disso, uma das crianças reconheceu-me e fez-me uma careta. As outras juntaram-se-lhe num instante e o jogo repetiu-se. Foi tão bom vê-las felizes e poder fazer com elas o que faria com crianças onde quer que estivesse: brincar.

Percebi rapidamente o quão essencial era a oração para que conseguisse realmente dar-me ao máximo. Fez toda a diferença em termos de persistência, de cuidado em fazer as tarefas, na forma de estar com as senhoras quando mais custava e de sorrir. Fui reflectindo no exemplo de vida da Madre Teresa e na forma de agir das missionárias.



Nessas duas semanas fui também aluna de linguagem não-verbal. Em Prem Dan só viviam duas velhotas que falavam inglês, portanto tive que aprender o que as outras queriam dizer quando me berravam em bengali ou hindi. Tentava perceber se estavam a olhar para a sala ou para o quarto, se a forma como mexiam as mãos significava que queriam que lavasse ou varresse, se podia servir mais comida ou se estava na hora de lavar a loiça. Apliquei-me e estive atenta por querer ser útil. As recompensas vieram cedo e, sem me dar conta, já não recebia berros, mas sorrisos e olhares de satisfação.

O dia da despedida chegou e tive de me obrigar a fazê-lo. Ao fim de duas semanas a ver as minhas senhoras contentes por eu lá estar dia após dia, mostrar-lhes que era o último exigiu muita determinação. Ao partir de comboio para descobrir mais daquela Índia, veio-me à cabeça a frase de uma das *t-shirts* turísticas: “Kolkata nos-ata”. A mim atou-me.